

### EDITORIAL

## O Cocó em busca de solução

A visita de Camilo Santana e Roberto Cláudio ao "Parque" do Cocó, na manhã de domingo, sinaliza a importância política e administrativa que está sendo dada ao projeto de regulamentação daquela área. Os dois caminharam por 1h30min pelas trilhas e plantaram três árvores de pau-brasil no anfiteatro.

A expectativa é que, ao longo das próximas semanas, o governador já tenha em mãos o estudo em processo de elaboração pela Secretaria de Meio Ambiente que vai propor os caminhos da regulamentação.

O problema é que, ainda na década de 80, o "Parque" foi criado através de um decreto, mas não ocorreram as devidas medidas administrativas para efetivar a concretização jurídica que caracteriza a existência de um parque ecológico.

O Governo sabe que a totalidade da área possui proprietários legalmente reconhecidos que reclamam indenizações ou o direito de uso econômico das áreas. Ao longo dos anos, isso gerou um complexo imbróglio jurídico que, há longo prazo, pode promover grandes prejuízos para o Erário.

Não há dúvidas que haverá necessidade de desapropriações para que o Parque seja, enfim, regulamentado. Mas, a que custo para o contribuinte? Até hoje, os governantes que se sucederam no poder preferiram deixar o "parque" na informalidade para não

O IDEAL É QUE NÃO SEJA NECESSÁRIO USAR DINHEIRO PÚBLICO PARA REGULAMENTAR O PARQUE

ter que pagar as indenizações.

Parceiro evidente que há áreas do parque que não precisam ser indenizadas. É o caso das margens do rio, dunas e mangues. Significa que, em tese, outras áreas sem as proteções previstas em lei poderiam ser desapropriadas e indenizadas. Mas, assim, custaria uma fortuna para o cidadão.

O ideal é que não seja necessário usar dinheiro público para regulamentar o parque. Uma forma de se fazer isso é promover acordos com os proprietários cedendo alguns espaços nas franjas e limites do parque para a execução de projetos privados adequados à sensibilidade da área.

Para isso, seria necessário, com espírito aberto e superando os radicalismos, abrir um grande e honesto debate na sociedade. A ideia de santuário intocável em toda a extensão do parque esbarra na realidade financeira do Estado, é contraproducente, leva ao impasse jurídico e não gera uma solução definitiva.

Comente nosso editorial: [opiniao@opovo.com.br](mailto:opiniao@opovo.com.br)

### CHARGE CLAYTON



Comente a charge: [charge@opovo.com.br](mailto:charge@opovo.com.br)



### ARTIGOS

## Não basta cortar as unhas, tem que cortar na carne

**José Maria Pimenta**  
[jose.maria@ceasa-ce.com.br](mailto:jose.maria@ceasa-ce.com.br)



Engenheiro agrônomo

A bola da vez é a crise. Só se fala nisso. É a inflação que disparou, o desemprego que aumentou e se não fosse a operação Lava Jato com certeza as manchetes dos jornais, telejornais e revistas teriam em suas capas esta palavra como atrativo de leitura e de audiência. Para combater este quadro de nossa economia, não há outro remédio a ser receitado que não seja amargo e dolorido.

Para os economistas de plantão este medicamento se chama ajuste fiscal, que geralmente vem dentro de sua bula recomendações para conter os gastos em investimento e custeio da máquina pública para dar como resultado um tal de superavit primário, que não é nada mais que o dinheiro para pagar os juros da nossa imensa dívida pública que caminha a passos largos para a cifra de R\$ 1 bilhão por dia.

E para onde vão estes juros da nossa dívida? Quem são os maiores beneficiados? Qualquer estudante do primário sabe que são os bancos e os fundos de investimento quem mais se beneficiam destes juros de nossa dívida. São estes os que sempre se

beneficiam nos tempos de fartura e escassez, cabe aos ombros deles carregarem o fardo maior dos antidotos a serem aplicados pelo ajuste fiscal. O que não pode é o remédio ser aplicado em doses iguais para os desiguais. Afinal, o que diferencia o medicamento do veneno é a dosagem e ele não pode ser aplicado em dose cavalari porque assim matará os mais frágeis.

Por último, já que estamos no terreno da parábola, não custa nada pinçar, garrotear as veias da nação que estão sendo exauridas por tanta corrupção. Só assim caberá aos mais pobres o sacrifício de cortar as unhas, deixando que a carne seja cortada pelos mais ricos e mais abastados deste País.

## O piloto sumiu! E a universidade também...

**Mauro Oliveira**  
[maurooliveira@gmail.com](mailto:maurooliveira@gmail.com)



Membro da Academia Aracatiense de Letras

Muitas vezes tentei fugir de mim. Mas aí onde eu ia, eu tavali". Esta marmotakafkiana do deputado Tiririca, com o humor dialético da hapi-poca, nos faz refletir (após tirulipas gargalhadas) sobre a universidade brasileira. Afinal, o palhaço Tiririca é coerente em seus objetivos e, por vez, surpreendente nas atitudes de deputado: votou contra a terceirização, a reeleição dos chamados "achacadores" (torpedado por Platão, trocentos anos a.c., é contestada como universidade por priorizar a difusão de conhecimentos

não estão na ordem do dia no desluminação por que passam as universidades no Brasil. Os destinos do país continuam refém dos (maus) políticos quando deveriam pertencer aos seus cidadãos. A universidade deveria ser um dos guardiões, senão o melhor, desta pertença. Para tanto, a universidade seria que ser vanguarda. Uma universidade que não está à frente da sociedade não serve a ela, nem para ela.

Universidade não é só conhecimento e diplomas que beneficiam seus portadores. O verbo universitar significa também chacalhar o gigante em seu berço esplêndido, antes que ele seja achacado (viva, apegado). Não é à toa que a academia fundou por Platão, trocentos anos a.c., é contestada como universidade por priorizar a difusão de conhecimentos

ao invés do debate.

É uma pena ver nossos alunos alheios ao debate nacional. A ausência da universidade nas discussões e manifestações no país é um exemplo do seu distanciamento da sociedade. Uma universidade caída, a serviço do indivíduo e não do cidadão, é tão irracional quanto velhos bilionários que, embora saibam que um dia vão-se os dedos sem anéis, continuam fazendo tudo pelo seu ego, nem um legado à sociedade.

Neste momento de turbulência é preciso que a Universidade (em maiúsculo) brasileira, que já se importou mais com a sociedade, se queira à frente dela para, assim, melhor servi-la. Quem sabe o piloto da nave Brasilis apareça!

ESCREVE MENSALMENTE

## FALA, CIDADÃO

### Estagnado na mesmice

Mas caro senador, se não der lucro, como vai crescer? Vai ficar para sempre estagnado na mesmice?

**Kelson Melo**, leitor do O Povo Online, comenta, via Facebook, matéria: "2014 não é para dar lucro, é para fazer observações".

### Fortaleza perfeita

Tudo perfeito que entrar vai ter gente para falar que não presta. Então, se candidatem e façam uma Fortaleza perfeita. Não depende apenas dele, tem muita gente na gestão para sair tudo ótimo.

**Charles Mikael**, leitor do O Povo Online, comenta, por mensagem no Facebook, matéria: "Para gentinha, melhor eleição agora é fazer de respeito com a população".

### Mil fantasmas

É sério que o povo ainda acredita em fantasmas? Com a violência em Fortaleza, tenho medo e dos vivos. Podem inventar mil fantasmas.

**Marlene Vidal**, leitora do O Povo Online, comenta, através do Facebook, matéria: "Marlene Santana aparece no metrô da Fortaleza em uma passeio".

### Quem paga o pato?

Culpa do Estado, que não ressocializa como deve. Quem paga o pato? Nós, cidadãos, que somos vítimas desses ex-presidários mal ressocializados, que voltam a delinquir quando ganham a liberdade.

**Walfredo Portela**, leitor do O Povo Online, comenta, via Facebook, matéria: "Tem 99 mil presos no Ceará e recebem

qualificação profissional".

### Falsa moral

Quem perde o respeito por si próprio é quem deixa de viver intensamente o lado afetivo (sexual) que a vida lhes legou. Pensar que tudo é pornografia, na terceira idade, é enganar-se pela falsa moral, é perder o direito de sonhar e encantar-se com o trivial perdido, esquecido e reprimido nas idades anteriores. Ser feliz é ser gente, nunca projetos vazios de existências dilaceradas pelo preconceito.

**Francisco Francisco Madel**, leitor do O Povo Online, comenta, via Facebook, matéria: "Fotografia da terceira idade desperta respeito e admiração no Brasil".

### Consciência

Todos nós sabemos que o mundo não tem solução. A solução só existirá quando as consciências possuírem um corpo impercível que possa se teletransportar. Enquanto isso não acontece só podemos administrá-lo. Assim, embora o mundo não tenha solução, ele tem administração. A administração poderá ficar mais fácil à medida que se aumenta a compreensão de cada um, que por sua vez aumentará com mais atenção na educação e instrução das pessoas. Pelo visto, faltará 100 anos toda a humanidade que estará aqui será completamente outra. Pergunto: Será que os que viverem há cem anos trabalharam estrategicamente pensando em nós? Creio que nem tanto.

**Elniro Brandão**, por e-mail.

As cartas enviadas por nós leitores (às vezes, com nome completo, endereço, telefone) e às do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O Povo se reserva o direito de selecionar os para publicação.

## O POVO

Fortaleza, CE, 21 de Janeiro de 2015.  
POVO JORNALístico 1024

**Presidente e Editor:**  
Eduardo Duarte

**Vice-Presidente:**  
José Antonio Reis

**Diretor Executivo da Redação:**  
Eduardo Duarte

**Diretor Adjunto da Redação:**  
Eduardo Duarte

**Diretor de Redação:**  
Eduardo Duarte

**Diretor de Redação Digital e Mercado Digital:**  
Eduardo Duarte

**Diretor de Mercado Corporativo:**  
Eduardo Duarte

**Diretor de Marketing:**  
Eduardo Duarte

**Diretor de Operações:**  
Eduardo Duarte

**Diretor Administrativo:**  
Eduardo Duarte

**Diretor Geral de Jornalismo:**  
Eduardo Duarte

**Assessores de Comunicação:**  
Eduardo Duarte

**Assessoria de Comunicação:**  
Eduardo Duarte

### GALERIA DE PRESIDENTES DO O POVO



**Dionísio** (1983-1984)

**Paulo** (1984-1985)

**Orlando** (1985-1986)

**Albino** (1986-1987)

**Demétrio** (1987-1988)

**Demétrio** (1988-1989)

**Demétrio** (1989-1990)

**Demétrio** (1990-1991)

**Demétrio** (1991-1992)

**Demétrio** (1992-1993)

**Demétrio** (1993-1994)

**Demétrio** (1994-1995)

**Demétrio** (1995-1996)

**Demétrio** (1996-1997)

**Demétrio** (1997-1998)

**Demétrio** (1998-1999)

**Demétrio** (1999-2000)

**Demétrio** (2000-2001)

**Demétrio** (2001-2002)

**Demétrio** (2002-2003)

**Demétrio** (2003-2004)

## Refém do PMDB

**Emanuel Freitas**  
[emanuel.freitas@ufersa.edu.br](mailto:emanuel.freitas@ufersa.edu.br)



Doutorando em Sociologia (UFPA) e professor de Sociologia (UFERSA)

Ao entregar a condução das relações institucionais e políticas de seu segundo governo ao vice-presidente, Michel Temer, Dilma Rousseff parece continuar selando o destino político de seu partido, o PT, em seu "novo" governo: nada mais que um mero coadjuvante. O PT foi aliado da economia para "agradar ao mercado" e da condução política para aplacar os ânimos dos "aliados". Daqui por diante, mais do que nunca, teremos a agenda peemedebista impor-se a petista, como vem acontecendo

do (basta ver a pauta de votações e vitórias/derrotas na Câmara, desde a eleição de Eduardo Cunha). Dilma vai, assim, fazendo do partido de Temer não mais o fiel da balança governista (como acontecer com FHC e Lula), mas a própria *raison d'être* do governo: o PMDB dá as cartas e o PT assiste atônito. Entregar o posto a Temer seria um acerto? No meu entender, não! A agremiação é uma confederação de caciques com muitos variados interesses.

Dilma contará com o partido de Temer, mas continuará tendo os partidos de Eduardo Cunha, Renan Calheiros e outros mais contra si. Basta ver as declarações de Cunha, em João Pessoa: ao ser recebido com manifestações de ódio, o presidente da Câmara logo tratou de vê-las como ações do PT, destilando contra este um con-

junto de palavras odiosas, falando mesmo de uma "repulsa da sociedade ao PT", de cujo governo seu partido coordena as relações políticas.

Mais do que nunca, teremos um governo refém de um partido que não é "um", mas "vários". E sabemos que, hoje, os "PMDB" s de Cunha e Renan jogam um papel bem mais relevante do que o de Temer. Assim, a entrega da condução política a outro (partido e personagem político) deixa claro que, cada vez mais, o governo eleito afasta-se da plataforma política que o fez vencedor.

Se até agora tínhamos um presidencialismo de coalizão a impor ao Legislativo o papel de seu apoiador incontestante, chegou a hora de assistirmos a um "parlamentarismo" em coalizão com o Planalto, seu subordinado.